

AURORA DE BARCELLOS

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Administrador,
J. M. LOPES DE CARVALHO

Editor,
FRANCISCO JOSÉ DA SILVA

Redacção, administração e Typographia—Rua do Duque de Bragança, n.º 30—Barcellos

EXPEDIENTE

Por motivos superiores á nossa vontade não podemos publicar o nosso jornal do que pedimos desculpa aos nossos prasados assinantes.

A REDACÇÃO

CONSIDERAÇÕES

De que enferma o paiz? Se olharmos com firmeza d'animo e espirito sereno, ou seja para as altas regiões ou para as diferentes camadas sociais inferiores, encontramos, generalizada, a corrupção de costumes, a falta de disciplina, uma cubiça injustificada de preponderancia e de mando, o cahos, n'uma palavra.

O povo na sua espontanea manifestação de descontentamento, brada clamoroso contra as prepotencias dos governantes, invectiva os partidos politicos que nos têm administrado; mas o seu brado nunca terá incursão emquanto o mesmo povo não tiver a comprehensão universal dos seus direitos a regular-lhe os actos, e não estiver educado, disciplinado e unido.

Reaja-se a valer contra os desbaratos que nos hão-de levar á ruina, mas haja primeiramente o bom senso a dirigir essa reacção e não seja ella inspirada na arrogancia do querer, mas na necessidade absoluta de moralisar, moralizando-nos primeiro.

Precisamos de obedecer, de nos subordinar-mos a um pensamento justo, olhos fitos na patria, ambicionando o bem

commum e pondo de lado o egoismo individual.

E emquanto o povo se não deixar conduzir por essa ideia generosa e salvadora, emquanto existirem as luctas incitadas pela ancia de mandar, caminharemos, embrutecidos, á mercê de quem promove a dissolução da nossa nacionalidade.

Bernardo e Otilia

CAPITULO II

Chegado á pórtá que febrilmente abriu, encontrou elle os nossos dois personagens que os abençoou e lhes perguntou o que queriam.

Bernardo contou, então que tendo entrado no recrutamento n'aquelle anno, e que devendo ser inspecionado no sabbado, elle e sua irmã lhe vinham pedir para que dispensasse toda a protecção de que podia dispôr e conforme lhes tinha prometido.

—Pois sim... caros filhos... hoje é segunda feira... amanhã pela manhã irei procurar um amigo da infancia, que muito poderá interceder por ti. Parece-me que o Ceo me segreda que tu não serás militar... ide embora... descança... Sabbado no Santo sacrificio da Missa pedirei a Deus por vós... Deus vos abençoe caros filhos e Graça de Deus vos proteja sempre...

Bernardo e Otilia voltaram logo para o trabalho com muita esperanza nas palavras do sr. Abba-de; e este no dia seguinte, logo pela manhã cedo, partia a cavallo na sua jumentinha para a casa do seu amigo que morava muito longe, implorando-lhe o favor que os leitores já conhecem e que outro igual nunca tinha pedido na sua vida já de 70 annos.

CAPITULO III

Estamos no sabbado; em frente ao quartel regimental d'infanteria n.º... estacionam grupos d'homens e mulheres do campo anciosos por saberem o resultado da inspecção medica a que foram submettidos os seus filhos. Todos á viva força querem que elles sejam isemptos definitivamente do serviço militar; para isso vão ter com o sr. regedor, homem já de idade, que n'aquelle dia vestiu uma sobrecasaca que me disseram ter sido feita nos tempos *prehistoricos*. O sr. Antoninho do Casal, assim se chamava o regedor, não podia descançar um instante. Chamavam-n'o de diferentes grupos renovando-lhe os pedidos ha talvez annos já feitos, por accasião d'umas eleições muito renhidas que houve n'esse tempo.

—O' snr. Antoninho, lhe dizia um velhote de barbas brancas, não desampare o meu filho; bem vê que só tenho aquelle e se elle vae servir o Rei, estou bem arranjado.

—Já lhe disse, snr. Manoel, que o rapaz está recommendado e bem recommendado; disse o regedor sorvendo enorme pitada.

—Sim senhor; mas olhe que quando foi pelos votos, eu não lhe faltei á minha palavra; e o snr. tambem me prometeu que o meu filho não iria para soldado...

—Esteja descançado, já lh'o disse...

—Está bem, está bem; vamos a vêr...

O nosso regedor, com um gesto disse adeus a este grupo para ir attender um outro que o chamava tambem.

O' snr. Antoninho, então parece-lhe que o meu José sahe livre?... heiu?...

—Não parece; é que sahe com toda a certeza; pelo menos, assim me premetteu o snr. admnistrador, que não desfazendo é um homem que sabe o que diz...

AURORA DE BARCELLOS

—Ah... lá isso é; olhe ainda outro dia quando ao meu compadre Manoel José lhe entregaram aquellos bois castanhos... lembra-se? (Continua)

José da Costa Silva Leitão

APULIA ***

AO AMIGO JOSÉ MATIAS

Risonha, formosa e poetica nos seus encantos, cheios de atrativos naturais! As suas ondas espumosas, alvas como a cambraia deslissam mansamente pelo teu vasto areal pratiado de areias espelhosas!

Os seus moinhos de vento sem vela, dão-lhe um tom cheio de distracção.

Os pinhaes verdejantes que lhe servem de cercadura aromotizam seus ares puros que servem de conforto aos que soffrem...

Como és linda, bella e encantadora rosa do minho?!...

Os canaviaes desenvolvidos como os cedros de outras epochas, tomam parte activa na tua formosura!...

As choupanas, sem symetria, cobertas a colmo, abrigam os seus habitantes de casaca comprida, e perna grossa, tostada pelo sol ardente que te alumia.

Os teus banhistas em numero crescido, clero, nobreza e povo, passeiam vagamente pelas suas avenidas desalinhas, respirando assim oxigenio puro das tuas bellasas.

.....
Como és linda, bella e encantadora rosa do minho!

C. L.

Barcellos, 7-10-1902.

DE LONGE

Quanto mais pelo espirito reunidos
Tanto mais afastamos a materia.
Nao sei se mais sentir e menos leria,
A cada dia mais compromettidos

E podiamos ser bem mais felizes,
E tudo iria como um sonho acreo.
Se nao tivesses tomado a serio—
Tu, tudo o que te disse, eu, o que me dizes.

Novembro-1900

JUSTINO VIANNA

PROVIDENCIAS

Pedimol-as energicas e com brevidade ao snr. administrador do concelho. E' d'uma necessidade urgente, para que em breve Barcellos não desça á triste situação d'uma povoação marroquina

Parece que o snr. administrador se esqueceu de que era a nossa auctoridade administrativa; aqui estamos nós, por isso, no proposito bem firme de não abandonar-mos o nosso posto, a recordar-lhe as obrigações e os deveres que tem a cumprir. Sim; porque o sr. administrador tinha obrigação de saber que um bando de ebrios e noctivages se dá actualmente ao bello officio de perturbar o socego dos barcellenses com cantos obscenos e herreiros de avinhados. Ainda na noite do penultimo domingo para segunda feira se deram na rua Direita, durante quasi toda a noite, scenas escandalosas, ouvindo-se repetidas vezes gritos de á d'elrei, e constando-me depois que o publico apontava como autor de taes brincadeiras um certo individuo, que, segundo dizem percorreu as ruas d'esta villa, durante toda a noite em trajes menores, com uma enorme bebedeira.

Ora, snr. administrador, urge que se acabe de vez com estas maroteiras—em nome da moralidade, dos interesses d'esta terra e do socego dos barcellenses.

Assim o esperamos.

Ao snr. Dr. Delegado

No ultimo numero da «Lagrima» vem inserto um escripto com o titulo: «A' camara».

Agora pedimos ao excellentissimo sr. dr. delegado que chame à sua presença o autor de tal escripto e que o faça declarar quem foi o autor do corte d'arvores, e mais brutalidades a que elle allude.

Visto declarar que sabe

quem foi o criminoso, era um grande serviço que o snr. dr. Delegado prestava á sociedade Barcellense, fazendo com que fosse punido o tal malfeitor. Quando se deram esses acontecimentos não estava cá sua ex.ª; mas, julgamos ainda ser tempo de se averiguar e proceder.

O que achamos mais correcto era que o autor do tal escripto declarasse no mesmo seu escripto o nome ou nomes dos auctores das façanhas que diz.

E' muito airoso descobrir crimes, e demais sendo da natureza d'estes; mas, o descobridor, por emquanto, deixou-nos em trinta.

Rasgou-se este véo, venham á luz esses nomes ou nome, que é infamia incobrir malfeitores.

Rogamos, ao sr. dr. delegado que se digne prestar attenção a este assumpto, que é de muito interesse para os habitantes d'esta villa.

A FESTA DOS CAIXEIROS

Effectuou-se no dia 28 de Setembro na Associação dos empregados no commercio, uma brilhante festa, seguida de uma sessão solemne que pela maneira que decorreu deixou agradaveis impressões.

Durante o dia esteve exposto ao publico o novo edificio da associação, assim como a sala em que se acha installado o novo «Gabinete de Leitura e Instrucção», que era muito apreciada, pela limpeza e boa disposição em que tudo se achava

A bibliotheca compoe-se de livros muito rasoaveis, embora não seja muito numerosa.

Pelas 5 horas da tarde abriu-se a sessão solenne que era presidida pelo sr. Aurelio Ramos, e secretariado pelos snrs. João de Souza e Oliveira e Silva. N'esta occasião achava-se a sala nobre da associação completamente cheia de gente, que anciosa esperava ouvir os oradores.

Aurelio Ramos ao tomar conta da presidencia, foi recebido com uma estrondosa salva de palmas, que agradeceu com uma modesta inclinação de cabeça.

Principiou o seu discurso agradecendo a honra da presidencia, e explicando as vantagens da associação disse ser um sanctuario onde o caixeiro vê a sua força e d'onde mais tarde se consegue a liberdade e a instrucção, elementos preciosimos no caixeiro.

Foi muito aplaudido.

Seguiu-se no uso da palavra, João de Souza que foi bem recebido.

No seu discurso enalteceu a benemerencia de Dias Neiva e honra Domingos Carreira como um credor impagavel da classe dos caixeiros. Seguiu-se Oliveira e Silva, que tenho pena que a memoria me não ajude para escrever o seu longo discurso, no qual se referiu a tudo que interessa a classe dos caixeiros.

Seguiu-se depois Francisco Guimarães que engrandeceu a benemerencia de Dias Neiva e comparou Domingos Carreira a um benemerito, tributando-lhe a justiça que merece. Fallou ainda Augusto Soucasaux que aconselhou a instrucção e seriedade a toda a classe.

Foi depois lida uma moção, que foi assignada por todos os caixeiros assistentes em que

pedia para que na proxima sessão da associação fosse exarado um voto de louvor a João de Souza pelos serviços prestados á classe.

Terminou a sessão ás 6 horas da tarde, correndo tudo com a maior solemnidade como o caso merecia.

Lethes.

CAÇA

No dia 24 do corrente mez, tem de apresentarse no tribunal judicial d'esta comarca o sr. Thomé de Vilhena Abreu e Lima, de Rio Covo (Santa Eulalia,) a responder por ter transgredido as leis da caça.

E' provavel que á sala do tribunal concorram, n'esse dia, bastantes caçadores, porque raras vezes se veem alli os contraventores das leis de caça, a responder; visto que, quasi sempre, as transgridem impunemente.

E' bom que isto sirva de exemplo para o futuro haja mais respeito, pela lei, n'este concelho, onde tanto e tanto se tem abusado.

—Este anno a maior parte dos caçadores estão prevenidos com furões.

A' ex.^{ma} camara pedimos e lembramos que revogue o artigo de suas posturas; em que prohibiu o uso de furões.

A lembrança d'esta prohibição não era má, se ella podesse fazer-se de forma que todosa observassem, mas muitos caçadores, furtivamente, usam de furão e arranjam assim boas caçadas, sem que possa facilmente provar-se-lhes o delicto, e os outros não caçam quasi nada. Ora esta determinação faz com que os mais ousados se encham de coelhos e os mais timidos e respeitadores fiquem a apitar.

Para haver maior egualdade, pedimos á ex.^{ma} camara que faça desaparecer a prohibição.

Nenhuma camara ou outra qualquer corporação se deslustra em determinar hoje uma cousa e amanhã emmendar essa determinação ou eliminá-la; porque, vendose, ao pôla em pratica, que d'ella resulta manijesta desigualdade pa-

ra os que teem de a observar, é muito melhor corrigir do que teimar.

Emfim, a maior parte dos caçadores, ou quasi todos querem que se use o furão, e, como só para elles è que se legisla, é justo e louvavel que se attenda á opinião da maioria. Não é só a maioria dos caçadores, são muitos e muitos lavradores que desejam tambem que se use o furão, para se verem livres da praga dos coelhos, que lhe destroem os feijões, os alfôbres, as hortas, etc..

A' Camara pedimos, como interessados na materia, ouça a nossa petição e a attenda.

Ao ex.^{mo} presidente, que é relacionado com muitissimos caçadores, rogamos que os ouça, e em virtude das opiniões que lhes encontrar se digne assim proceder.

Messicof.

Publicações

A morte dos Deuses

Na collecção da Bibliotheca Horas Romanticas acaba a Secção Editorial da Companhia Nacional Editora de publicar este celebre romance do grande escriptor polaco B. Merejkonly que tão grande celebridade tem adquirido no estrangeiro.

Quem leu o Quo Vadis?, deve adquirir tambem este bello romance; onde seu auctor nos descreve n'uma linguagem pouco vulgar as grandes luctas dos propagadores do christianismo na idade em 13a.

Cada volume d'este romance do qual o primeiro, já, se encontra á venda, pode obter-se como qualquer dos romances d'esta collecção pela modica quantia de cem reis.

Historia da França

Edição popular illustrada desde os tempos mais remotos até aos nossos dias, por Henri Martin.

O maior successo em leitura!

Edição de luxo, grande formato e illustrada com mais de 1000 gravuras. Cada fasculo de 16 pag. com mais de 8 gravuras de madeira e 80 pag., 100 rs.

Brinde a todos os assignantes!

Editor, José Romano Torres, rua de D. Pedro V, Lisboa.

Gomes Freire

Grandioso e patriótico historicoe original, do festejado escriptor Rocha Martins.

Edição de luxo acompanhada de photogravuras dos principaes personagens e com primorosas illustrações de Roque Gameiro e A. Moraes.

Cada fasciculo de 20 pag. com 3 a 5 gravuras, 40rs. Cada tomo mensal de 100 pag. com 15 a 25 gravuras 200 rs.

João Romano Torres, editor. Rua de D. Pedro V, 88, Lisboa.

Restauração de Portugal

Grande romance historico original de Faustino da Fonseca com illustrações de Roque Gameiro e M. de Macedo. Tomos mensaes de 120 pag. com 15 gravuras 200 rs. e 40 rs. cada fasciulo semanal de 24 pag. com 3 gravuras.

Editor José Bastos, rua Garret, 73 e 75, Lisboa.

Biblia Sagrada

Já foi publicado e distribuido o 1.º tomo d'esta magnifica obra, em grande edição popular, versão do padre Antonio Pereira de Figueiredo, commentarios e annotações do rev. Santos Farinha, bacharel formado em theologia pela Universidade de Coimbra e professor de lingua e litteratura hebraica no Seminario de Lisboa, segundo os modernos trabalhos de Glaire, Knabenbauer, Lestrade etc.

Edição autorizada pelo Rev.º Cardeal Patriarca e revista pelo ex.º conego pr. Senna Freitas.

Preço da assignatura: Cada fasciulo semanal de 16 pag. com 3 esplendidas gravuras, 60 rs.; cada tomo mensal de 80 pag. com 15 gravuras 300 rs.

Lisboa, Empreza da Historia de Portugal, rua Augusta, 95.

Moda universsal

O numero de Setembro, d'este jornal, que é o de maior circulação do paiz, como repositorio da moda, já corre impresso por toda a parte

Aqui o temos sobre a nossa banca de trabalho com as suas quatro paginas repletas de figurinos variadissimos e perfectos, bastando passar os olhos por elle para se ficar sobejamente inteirado das toilettes que lá por fóra apparecem agora de novo no medamismo chic.

Não é segredo para ninguem que no estrangeiro as senhoras vestem com elegancia e por pouco dinheiro. Ora a quasi totalidade d'esses senyoras compram a *Moda universsal* e por ella confeccionam por suas proprias mãos esses vestidos adoraveis de bom gosto. que, os figurinos da *Moda* reproduzem.

Como por vezes temos dito a «*Moda Universal*» assignasse nos escriptorios da «*Agencia Nacional*» Rua Aurea, 172, Lisboa.

As assignaturas são annuaes e custam 480 reis, que devem ser remettidos em carta registada ou alele do correio

Considerações.

E' do nosso coilego «*Povo Espendense*» o artito que com esta *Epigraphe* publicamos.

Guaripada

COUTINHO, ZÉ POVO

E. ZINÃO

—*Coutinho* Quem é aquelle bigorilhas que quer dar ares de figurão?

—*Zé-Povo* Aquelle marmelo ou bigorilhas, é um pandilhita que é imitador do Zinão; mas que julga ser collão de Bocáge.

—*Coutinho*. Quem são esses dous homes com uns nomes tão estramboticos?

Zé povo. Zinão era um piadista muito da intimidade dos lavradores do nosso Minho, Bocáge era um poeta de éstro fulgente que dominava as turbas com a mordacidade de seus dictos.

—*Coutinho*. Então o Bocáge tinha mordacidade? Ora é esse o motivo porque o tal bigorilhas, querendo-o imitar, tem ferrado ou mordido em muita gente, mas se ser Bocáge è ser assim, os snrs. Carvalhos, marchantes, teem lá uma sucia de Bocáges!

Zé-Povo. O amigo Coutinho nunca acertou em nada que tenha dito, tanto como agora; porque o tal bigorilhas tem toda a mordacidade na dentadura, ora para ferrar, ora para comer na casa dos outros.

Qualquer dia o amigo vel-o-ha tambem metido no meio da tal matilha de Bocages a comer da sopa d'elles.

Os snrs. Carvalhos aprontem um chicote, senão, brève, o bigorilhas vae a casa dos snrs? lamber as gamélas e roubar assim o sustento dos collegas d'elle.

—*Coutinho*. O snr. Zé tambem me parece um pouco maldizente, então o pandilhita sera capaz de ir tambem as gamellas?

—*Zé Povo*. Voce não tem visto os bácoros, quando vêem o balde da comida, que grunhida fazem?

Pois o bigorilhas, quando vé que comer ou com que se emborrache, é mesmo a copia fiel dos bacorotes. grunhe que nos dá cabo dos ouvidos!

Coutinho. Diga-me uma cousa:

elle quando vae aos jantares é convidado e porta-se lá decentemente?

Zé-Povo. Elle, não pode dizer-se bem que é convidado, o que é certo é que aparece sempre se pode entrar pela porta, vae entrando, senão trépa pela janella e em ultimo caso fura pela chaminé ou tranforma-se em mosca e entra pela fechadura.

Depois de la estar dentro sempre come e é borracheira certa. A' chegada de cada prato faz uma grunhida infernal; e no fim do jantar, pertence-lhe o sceptro de rei dos chicos! E' muito aclamado delirantemente por tal honraria e atravessa triumphante, com ares de parvo, por entre as multidões, com a tromba ainda toda suja de tanta comida que come a cão.

—*Coutinho*. Eu já ouvi dizer que elle esteve para ser preso por roubar um chouriço?! Isso será verdade?

—*Zé-Povo*. Não é bem assim; Eu lhe conto: o pandilhita tinha d'antes muita confiança na venda do snr. Gonçalves carcereiro; e, d'uma vez, foi, mui surrateiramente, a um alcapão que o snr. Gonçalves tem, onde guarda as chourças e pegou-lhe na maior; mas isso rendeu-lhe um par de ponta-pés e teve de lh'a largar no sitiosinho outra vez.

E' um tal papante como não ha outro: qualquer dia vel-o-hemos á porta do quartel em grande bulha com a rapaziada, por causa d'algun rancho.

—*Coutinho*. O peor defeito que elle tem é comer a isca e fazer aquella cousa no anzol.

—*Zé-Povo*. Mas, se um anzol é uma cousa tão pequena, o que é que faz n'elle?

—*Coutinho*. Ora o que é que faz?!... faz uma cousa que já fez dentro das calças, n'uma occasião em que apanhou uma monumental borracheira, na casa d'um ex-camarista, d'Abb. do Neiva, tendo n'essa occasião, de vestir as calças do dito snr. camarista, para poder vir para casa.

Eu estava com vergonha de contar tudo; mas emfim, vá lá:

O camarista já morreu, era homem de boas qualidades, rico e franco.